

## A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO FILME CIDADE DE DEUS

D. Lopes<sup>1</sup>, M. Lopes<sup>2</sup>, P. Henrique<sup>3</sup>, P. Maria<sup>4</sup> e E. Betânia<sup>5</sup>  
E-mail: mariana.lopes@academico.ifrn.edu.br<sup>2</sup>; pedrinho.rr@hotmail.com<sup>3</sup>;  
pri22k91@hotmail.com<sup>4</sup>; elis.guedes@ifrn.edu.br<sup>5</sup>

### RESUMO

Muitos defendem que há uma língua falada padrão, correta, que deve ser respeitada por todos e por todos falada, esquecendo-se, assim, das variações linguísticas presentes em nosso país, e de que não há, em hipótese alguma, uma língua portuguesa falada correta. Essa ideia gera um grave problema: o preconceito linguístico, que afeta os falantes das variantes ditas “não padrão”, incorretas, fazendo com que eles mesmos desprestigiem sua maneira de falar, envergonhando-se de sua cultura. Considerando esses fatores, o presente trabalho tem como objetivo analisar a variação linguística

mostrada no filme Cidade de Deus, tido como romance naturalista, quando descreve o modo de vida de seus personagens. Podemos sentir em todo o filme o realismo. O autor adapta sua linguagem através de uma minuciosa pesquisa linguística (diálogos, termos, gírias, palavrões) que permite, juntamente com a realidade dos fatos, estruturar seu romance e apresentar ao telespectador uma trama independente de qualquer sentimentalismo que possa amenizar a crueza imutável dos acontecimentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação linguística; Cidade de Deus; Preconceito linguístico.

## THE CHANGE LANGUAGE FILM DISPLAYED IN “CIDADE DE DEUS”

### ABSTRACT

Many argue that there is a standard spoken language, correct, which should be respected by all and spoken by all, forgetting thus the linguistic variations present in our country, and that there is, in any way, a language spoken Portuguese correct. This idea raises a serious problem: the language bias that affects speakers of variants called “non-standard”, inaccurate, making themselves desprestigiem his speech, shaming is their culture. Considering these factors, this paper aims to analyze the

linguistic variation shown in the film City of God, seen as naturalistic novel, when describing the way of life of his characters. We can feel throughout the film realism. The author adapts his language through a thorough linguistic research (dialogues, terms, slang, profanity) that allows, along with the reality of the facts, his novel structure and present the viewer a plot independent of any sentimentality that can soften the harshness of the unchanging events.

**KEYWORDS:** Change language; Cidade de Deus; Linguistic Prejudice.

## 1 INTRODUÇÃO

Cidade de Deus é um filme de 2002 dirigido por Fernando Meirelles e Kátia Lund, foi adaptado por Bráulio Mantovani a partir do livro escrito por Paulo Lins em 1997. Ambos mostram o crescimento do crime organizado na Cidade de Deus entre as décadas de 1960 e 1990. O filme teve reconhecimento mundial, participando de premiações em países como Reino Unido, Cuba, Colômbia, Estados Unidos e Dinamarca, além de ser indicado a 4 Óscares e dos múltiplos prêmios no Grande Prêmio Brasileiro de Cinema, entre outras diversas premiações.

A primeira parte da história narra à ocupação de Cidade Deus e a formação das quadrilhas. A ambição é individual, a relação com as drogas é apenas no sentido do próprio consumo, e o que move a criminalidade dos bandidos é a vontade de fazer um grande assalto e viver o resto da vida nos moldes ideais dos burgueses. A participação da polícia é efetiva, que de forma violenta e implacável procura eliminar os criminosos. A Segunda parte tem seu maior enfoque na busca do comando da favela por meio do tráfico de drogas e na nova geração de criminosos que dão proteção à comunidade. A terceira e última parte, traz a guerra propriamente dita, com uma sequência interminável de assassinatos a sangue frio, e o aumento desmedido de jovens entrando na marginalidade.

O filme aborda claramente a criminalidade na favela, o que pode ser considerado um equívoco produzido pelo estereótipo de moradores excluídos, marginais, agressivos, traficantes, ociosos, negros e perigosos. Estes estereótipos passam a contribuir com a representação da identidade brasileira, especificamente, das favelas. O sucesso mundial do filme faz espalhar-se a ideia de um país com a população violenta e sem educação, isso é resultado de um estereótipo que se espalhou durante muito tempo.

É claro que existem violência e problemas sociais, é evidente, está nos jornais. Mas a porcentagem de pessoas envolvidas com o tráfico de drogas numa favela é mínima, o problema é que essa pequena parcela é mais visível, ocupando o território com armas de guerra.

Cada indivíduo em seu meio/região adapta-se à sua maneira de comunicação. Cada região tem suas qualidades e seus vícios de linguagem. Para a sociolinguística, a língua é social e não pode ser estudada como uma estrutura autônoma e independente do contexto, da cultura ou da história de um indivíduo ou população. Portanto, a variação da língua é algo inevitável, pois todas as manifestações verbais de uma língua sofrem alterações. Dessa forma, o objetivo do nosso trabalho é mostrar a forma de falar coerente com o meio social em que os personagens viviam.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1 Variação linguística: o que é e como se classifica.

Marcos Bagno, (2005; p. 15) defende que:

No Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo. São essas graves diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de

um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades não padrão do português brasileiro – que são a maioria de nossa população – e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola.

Com base nessa afirmação podemos concluir então que essa variação do português não é errada, mas sim diferente de uma norma padrão imposta em nossas escolas.

Cesário e Votre, (2010; p.141) também mostram que existem quatro tipos de variações da língua, podendo ser histórica, geográfica, social e estilística.

A variação histórica da língua acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificada ao serem comparados dois estados de uma língua. As mudanças podem ser de grafia ou de significado.

A variação geográfica refere-se a diferentes formas de pronúncia, às diferenças de vocabulário e de estrutura sintática entre regiões, nem sempre coincidindo com as fronteiras geográficas.

A variação social agrupa alguns fatores de diversidade: o nível socioeconômico, o grau de educação, a idade e o gênero do indivíduo. O uso de certas variantes pode indicar qual o nível socioeconômico de uma pessoa, e há a possibilidade de que alguém, oriundo de um grupo menos favorecido, venha a atingir o padrão de maior prestígio.

A variação estilística refere-se às diferentes circunstâncias de comunicação em que se coloca um mesmo indivíduo: o ambiente em que se encontra (familiar ou profissional, por exemplo) o tipo de assunto tratado e quem são os receptores.

## 2.2 Gírias

O conceito de gíria para Nascentes (2003; p. 593) é de que esta aponta para o vocabulário especial dos criminosos, contrabandistas, vadios e outras pessoas de índole duvidosa. No entanto, a gíria tem também a função de identificar as pessoas pela classe social, pela região em que vive, e também, por exemplo, pela idade, quando usam uma gíria em desuso, o que demonstra a transformação constante no tempo e no espaço a que está sujeito o vocabulário.

As gírias são uma variante linguística, muito embora quase todas as pessoas utilizem ou conheçam quem use gírias na sua comunicação diária, poucas conseguem estabelecer uma definição suficientemente precisa sobre o que é gíria e como ela se estrutura, se desenvolve e opera nos diferentes níveis sociais e nos contextos de fala em que é utilizada. Para tanto, Preti (1984; p. 67) aponta para uma compreensão de gíria em dois níveis: a “gíria de grupo”, de uso mais restrito, que se caracteriza como uma linguagem de identificação e de defesa, buscando comunicação e, ao mesmo tempo, a preservação de um grupo. E o segundo nível que é a “gíria comum”, amplamente difundida.

A população brasileira se expressa melhor com as gírias do que com os verbetes dos dicionários, isto se dá, devido ao pouco hábito de leitura, sem falar na praticidade da gíria na comunicação informal, já que esta é falada com muita frequência no cotidiano dos brasileiros. É comum então, que falemos o que ouvimos com maior frequência, no entanto uma ressalva, há

necessidade de saber onde e como usá-la, visto que, como disse Coseriu (1982, p. 17), trata-se de acessório e não deve tomar o lugar de palavras conceituadas no falar do português brasileiro.

### 2.3 Preconceitos linguísticos

As variações geográficas, sociais, históricas e estilísticas, apresentadas por Cesário e Votre, (2010; p. 141) possuem um caráter discriminatório, pois indicam a um ouvinte a posição que o falante ocupa, ou acha que de fato ocupa na sociedade. Isso se torna um preconceito com relação a classe social, devido ao pensamento de que a língua é única e homogênea, e assim não sofre variações. Porém, as classificações da variação linguística nos mostra que uma língua não pode ser classificada desta forma, pois ela sofre inúmeros tipos de influência, podendo ser diferente até mesmo dentro do próprio contexto social dos indivíduos.

A variação linguística está inteiramente ligada ao preconceito linguístico, já que quando uma variante é tida como correta, as demais são denominadas incorretas, sofrendo, assim, o que as pessoas chamam de preconceito linguístico.

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna desse nome e seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape deste triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português. (BAGNO: 2005, p. 40).

Uma noção correta imposta pelo ensino tradicional da gramática normativa origina um preconceito contra as variedades do padrão.

Assim, é preciso, urgentemente, que se abandone esse pensamento preconceituoso de existir somente uma variante falada correta do português brasileiro.

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizadas dos falantes da variedade não-padrão. (BAGNO: 2005, p. 18)

## 3 METODOLOGIA

Nossa pesquisa está fundamentada na sociolinguística, “a sociolinguística usa a língua em seu uso real, levando em conta principalmente as relações sociais que levam à produção linguística” (CESÁRIO E VOTRE: 2010; p. 140), e caracteriza-se como uma pesquisa interpretativa com abordagem qualitativa. Para esse trabalho foram analisados 3 diálogos entre traficantes e “cocotas”, representados em cenas no filme “Cidade de Deus”, 2002. Tais diálogos foram codificados e serão analisados.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para exemplificar a variante linguística vamos trabalhar com 3 diálogos, conforme já foi mencionado em materiais e métodos, pela impossibilidade de analisarmos todos os diálogos do filme, apresentaremos os diálogos entre personagens do filme Cidade de Deus e seus correspondentes na norma culta, como podemos observar abaixo:

Diálogo 1: inicialmente, o personagem Buscapé diferencia os personagens Bené e Zé Pequeno, o diálogo procede entre Zé Pequeno e Cenora:

**Buscapé** – O Bené era o bandido mais responsa da cidade de Deus, distribuía maconha, pagava cerveja. O Zé Pequeno era o contrário, só trabalhava, só pensava em ser o dono da favela, tava sempre arrumando desculpa pra tomar a boca do Cenora.

**Zé Pequeno** – Qual é Cenora?! Tu num tem que ficar deixando aquele muleque do caixa baixa fica assaltando aqui dentro da favela não rapá.

**Cenora** – Vêlá, tu cuida da tua área, eu cuido da minha, Pequeno, fica tudo certo assim.

Diálogo 1 na versão formal :

**Buscapé** – O Bené era o bandido mais responsável da Cidade de Deus, distribuía maconha, até pagava cerveja. Já o Zé Pequeno era o contrário, só trabalhava, só pensava em dar as ordens na favela, estava sempre procurando desculpas para tomar o ponto de vendas do Cenora.

**Zé Pequeno** – O que aconteceu Cenora? Você não é obrigado a deixar aquelas crianças de o caixa baixa assaltar dentro da favela, rapaz.

**Cenora** – Preste atenção, você é responsável pelo que acontece na tua região e eu na minha, fica tudo certo assim.

Diálogo 2: Buscapé e seus amigos:

**Tiago** – Muleques, ai, bora pra praia.

**Angélica** – Mas e os testes?

**Tiago** – E daí? Deixa de bobeira!

**Buscapé** – Bora pra praia, ta geral lá!

**Todos** – Bora! Vamo, bora!

Diálogo na versão formal:

**Tiago** – , vamos para a praia.

**Angélica** – Mas haverá os testes.

**Tiago** – Qual o problema? Deixe de comporta-se como inocente.

**Buscapé** – Vamos para praia, todo mundo está lá.

**Todos** – Então vamos, vamos!

Diálogo 3: Filé com Fritas, Mané Galinha e Cenora:

**Filé com fritas** – O Pequeno mandou dizer que se tu passar o Galinha ele deixa de tomar a tua boca.

**Cenora** – Ai Galinha, tu ouviu? Tu ouviu o muleque? Tu tem que firmar com nós aqui, se não tu ta fudido, Galinha tu ta morto. To te propondo uma sociedade, tu vira meu parceiro, tu vira meu sócio.

**Mané Galinha** – Esse negócio de boca de fumo num é comigo, só to nessa porque a parada é pessoal.

**Cenora** – Ai Mané, na moral, lá ninguém presta não, o cara pede qualquer coisa, qualquer coisa mermo, neguinho faz qual quer coisa pra ganhar consideração.

Diálogo 3 na versão formal:

**Filé com fritas** – O Pequeno mandou dizer que se você entregar o Galinha ele vai parar de tentar tomar teu ponto de vendas.

**Cenora** – Você o ouviu Galinha? Ouviu o que o garoto disse? Você tem que ficar conosco, você está em uma situação difícil, Galinha, você morrerá. Estou te propondo uma sociedade, você se torna meu sócio.

**Mané Galinha** – Vender drogas não é o que eu quero, só estou me envolvendo nisso por causa de problemas pessoais.

**Cenora** – Mané vou lhe falar a verdade, lá ninguém presta, O Zé pede qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, e todo mundo faz, só para ganhar consideração.

Dando continuidade as nossas análises elaboramos o quadro a seguir com as gírias mais frequentes nos diálogos:

Quadro 01: Variação linguística nos diálogos analisados.

Gíria	Diálogos em que aparece	Correspondente linguístico
Responça	D1	Responsável
Arrumando	D1	Procurando
Qual é?	D1	O que está acontecendo?
Rapá	D1	Rapaz
Vêlá	D1	Preste atenção
A boca	D1, D3	Local de venda de drogas
Muleque	D1, D2	Crianças, Pessoas
Vamo bora	D2	Vamos embora
E daí?	D2	Qual o problema?
Bobeira	D2	Comporta-se como inocente
Geral	D2	Todas as pessoas
Firmar com nós	D3	Ficar conosco
To nessa	D3	Envolvido
Parada	D3	Assunto

Na moral	D3	Falando algo sério
Ta fudido	D3	Em uma situação complicada
Parceiro	D3	Companheiro
Neguinho	D3	Pessoa
Passar	D3	Entregar

Todo o universo de palavras que as pessoas de uma determinada língua têm à sua disposição para expressar-se, seja ela oral ou escrita, pode mudar, o que acontece de forma gradual e quase imperceptível. Podemos dizer que uma característica básica do léxico é sua mutabilidade, já que ele está em constante evolução. Nos diálogos citados podemos encontrar com mais frequência expressões com estrutura lexical diferente como é o caso de ‘a boca’ nome dado ao local da venda de drogas e ‘muleque’ que dependendo do contexto pode referir-se tanto a crianças quanto a pessoas em geral. Os usuários da língua utilizam o léxico para a formação do seu vocabulário, para sua própria expressão no momento da fala e para a efetivação do processo comunicativo.

Nos diálogos também aparecem gírias como ‘responsa’, ‘rapá’ e ‘vamo bora’ que são simples abreviações das palavras correspondentes, respectivamente, responsável, rapaz e vamos embora, o sistema léxico de uma língua traduz a experiência cultural acumulada por uma sociedade através do tempo, ou seja, o léxico pode ser considerado como o patrimônio vocabular de uma comunidade linguística através de sua história.

A mídia e a sociedade veem as gírias quem vêm das favelas como uma variante de baixo prestígio, pois estão ligadas a linguagem do jovem inconsequente, das pessoas sem cultura ou, algumas gírias de grupo, são relacionadas com grupos marginalizados, já que moram na favela, esse conceito surge como preconceito, no entanto quando essas gírias saem da extensão privada e se convertem na linguagem pública, tornam-se uma linguagem comum e usada por todos. E para que esta continue sendo aceita, sem preconceitos, é importante que os usuários da linguagem, utilizem-na no âmbito correto, não devemos passar a ideia de que a gíria é uma linguagem empobrecedora, pois ela tem o papel de renovação da língua.

## 5 CONCLUSÃO

O nosso trabalho foi baseado no filme Cidade de Deus. Buscando observar as diversas formas de expressão apresentadas pelos personagens. Percebemos que algumas formas de expressão da língua portuguesa eram ditas de uma forma completamente diferente da padrão.

Porém de acordo com a sociolinguística, “não devemos considerar como erros e sim variações de uma língua heterogênea, a qual jamais poderá ser mortificada ou domada, língua esta que, desde o período da colonização, foi motor e motivo para a expansão e avanço deste lugar.” (BAGNO, 2001, p.11).

Depois de ter estudado a sociolinguística, preconceito linguístico e analisamos falas de alguns personagens da favela, concluímos que essa variante da Língua Portuguesa não é errada, mas sim diferente de uma norma padrão imposta em nossas escolas e sociedade, é apenas um

modo diferente, um hábito diante de seu convívio cotidiano, uma prática comum entre pessoas que frequentam um mesmo espaço, essa forma de falar vai sendo herdada de geração em geração, sempre tendo inovações, novas gírias, novos modos de expressão, vai mudando junto com o tempo.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2005.

BAGNO, M. **Norma linguística**. São Paulo: Loyola, 2001.

VOTRE, S. J.; CESÁRIO, M. M.; E. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E.; **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2010.

COSERIU, E. **O homem e a sua linguagem**. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca [e] Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo. USP, 1982.

NASCENTES, A. **Estudos filológicos**: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes organizado por Raimundo Barbadinho Neto; apresentação de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.

PRETI, D. **A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

Páginas da WEB citadas:

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade\\_de\\_Deus\\_\(filme\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_de_Deus_(filme)) Cidade de Deus (Filme), página visitada em 11/04/2013

[http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/materias-especiais/mostraNoticia.php?id\\_content=908&id\\_Sec=48](http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/materias-especiais/mostraNoticia.php?id_content=908&id_Sec=48) Marília Gonsalves e Victor Castro/Minha Favela, página visitada em 11/04/2013

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Varia%C3%A7%C3%A3o\\_lingu%C3%ADstica](http://pt.wikipedia.org/wiki/Varia%C3%A7%C3%A3o_lingu%C3%ADstica) Variação Linguística, página visitada em 11/04/2013